

◇

× × × × × ×
× × × × × ×
× × × × × ×
× × × × × ×

A Psicologia em Diferentes Contextos e Condições 2

◇



*Tallys Newton Fernandes de Matos
(Organizador)*

Atena
Editora
Ano 2020

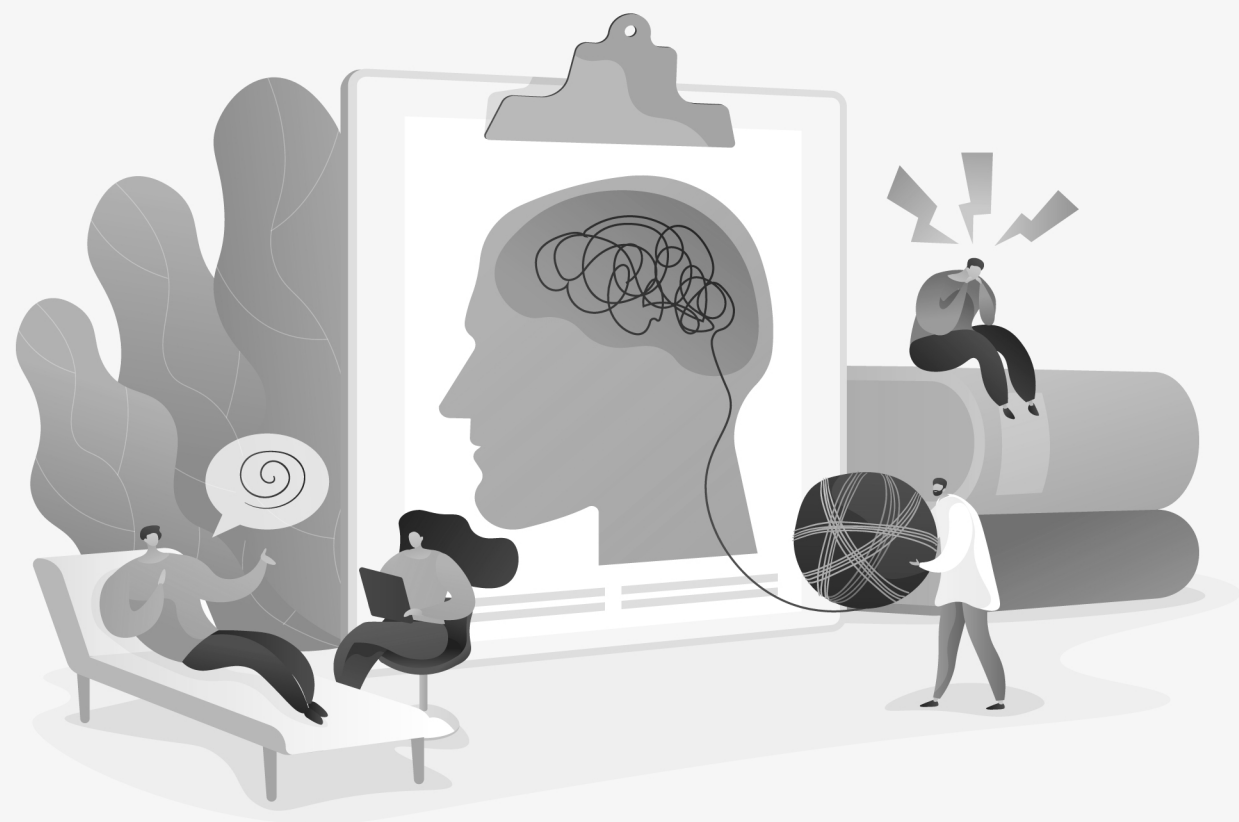
◇



◇

A Psicologia em Diferentes Contextos e Condições 2

◇



*Tallys Newton Fernandes de Matos
(Organizador)*



Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremonesi

Karine de Lima

Luiza Batista

2020 by Atena Editora

Maria Alice Pinheiro

Copyright © Atena Editora

Edição de Arte

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Luiza Batista

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Revisão

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora

Os Autores

pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Prof^a Dr^a Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof^a Dr^a Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Prof^a Dr^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof^a Dr^a Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof^a Dr^a Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Prof^a Dr^a Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Prof^a Dr^a Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof^a Dr^a Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof^a Dr^a Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Prof^a Dr^a Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Prof^a Dr^a Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Prof^a Dr^a Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof^a Dr^a. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^a Dr^a Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof^a Dr^a Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

- Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof^a Dr^a Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Prof^a Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof^a Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof^a Dr^a Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof^a Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Prof^a Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Prof^a Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof^a Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof^a Dr^a Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Prof^a Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Prof^a Dr^a Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás

Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

A psicologia em diferentes contextos e condições 2

Editora Chefe: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário: Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Edição de Arte: Luiza Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Tallys Newton Fernandes de Matos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P974 A psicologia em diferentes contextos e condições 2 [recurso eletrônico] / Organizador Tallys Newton Fernandes de Matos. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-189-3

DOI 10.22533/at.ed.893201707

1. Psicologia. I. Matos, Tallys Newton Fernandes de.

CDD 150

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A humanidade passou por diferentes transformações ao longo da história, na esfera das representações sociais, que modificaram o campo da realidade e subjetividade, configurando o sentido e significado do sujeito. Tais configurações proporcionaram o surgimento de diferentes teorias como preposição para justificar casualidades e dissonâncias no cotidiano.

Historicamente, algumas teorias buscavam enquadrar o ser humano em padrões comportamentais que poderiam ser idealizados dentro de um quadro e conjunto atitudes, estes determinariam o que seriam considerados atos de normalidade ou anormalidade. Vieses eram excluídos nesta situação, como, por exemplo, costumes e valores adquiridos no meio comunitário oriundos dos marcadores culturais de determinado meio ou comunidade. Para exemplificar tal citação, demos, por conseguinte, a loucura, que foi definida de diferentes maneiras ao longo da história, assim como seu tratamento, que teve diferentes formas de atuação, passando, atualmente, a ser alocada no discurso de saúde mental.

Neste sentido, é importante destacar a importância da pluralidade cultural, que é um resultado das lutas sociais, históricas e políticas dos movimentos sociais, no que diz respeito ao conhecimento e a valorização de características étnicas e culturais dos diferentes grupos sociais que convivem em um mesmo ambiente. A pluralidade, como veremos nos primeiros estudos desta obra, busca explicitar a diversidade étnica e cultural que compõe a sociedade, compreendendo suas relações, os marcadores de desigualdades socioeconômicas, além de apontar transformações necessárias ao meio social. Tais pressupostos oferecem elementos para valorização das diferenças étnicas, culturais, respeito, expressão, diversidade, dignidade e construção da identidade.

Compreender a pluralidade cultural possibilita a reconfiguração da aprendizagem e incorpora a aprendizagem significativa, através da relação criada no significado entre os elementos com a estrutura da matéria, por intermédio das informações obtidas. Todavia, estas possibilitam uma nova organização progressiva, que explora as estruturas cognitivas e categoriza o conhecimento. Tais artefatos são relevantes para o desenvolvimento pessoal, podendo proporcionar diferentes benefícios, como, por exemplo, as diferentes intervenções e estratégias no ambiente de trabalho.

Neste âmbito, destaca-se que o ambiente de trabalho envolve condições, organizações e relações, concatenando-se em uma atividade física e intelectual, a qual dá sentido e significado a vida do homem. Tem o caráter produtivo, de manutenção, de subsistência e de satisfação. É também um marcador de horário e envolve conhecimento, habilidades e atitudes, proporcionando integração, civilização, economia e existência, ao passo que tem como produto a realização pessoal. Porém, o excesso ou ausência e as diferentes circunstâncias e demandas, assim como as condições, organizações e relações podem prejudicar a saúde mental.

Neste sentido, são importantes modelos de intervenção que busquem a qualidade de vida como pressuposto básico para a promoção da saúde. Destacam-se diferentes métodos e práticas, neste âmbito, que cabem ao profissional de psicologia que, através do olhar terapêutico, podem identificar estratégias e ferramentas de atuação, avaliação e intervenção. É importante destacar que, tais elementos, citados anteriormente, não inibem a dinâmica do cotidiano, e a adversidade continua em cenário aberto e contínuo em nosso processo de finitude, já que essa, para alguns teóricos, é a única certeza que temos.

Neste aspecto, de acordo com o discurso abordado anteriormente, explicitando assim a construção de tais argumentos e falas, a obra “A Psicologia em Diferentes Contextos e Condições 2” aborda questões inerentes à “cultura”, “aprendizagem”, “trabalho”, “saúde”, “qualidade de vida” e “finitude”. Já o volume 1, também organizado pelo mesmo autor, aborda outros contextos da psicologia que foram selecionados pensando no eixo do “desenvolvimento humano”. Fica, aqui, um convite ao retorno para à leitura e apreciação do primeiro volume.

Por fim, a coletânea “A Psicologia em Diferentes Contextos e Condições 2” explora a pluralidade e construção teórica na psicologia através de estudos, em diferentes contextos e condições, realizados em instituições e organizações de ensino superior, no âmbito nacional e internacional. Como pesquisador, ressalto a relevância da divulgação e construção contínua do conhecimento científico em benefício do desenvolvimento social. Portanto, destaco a Atena Editora como uma plataforma consolidada e confiável, em âmbito nacional e internacional, para que estes pesquisadores explorem e divulguem suas pesquisas.

Tallys Newton Fernandes de Matos

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
<i>HISTÓRIA DA LOUCURA E DANAÇÃO DA NORMA: UMA GENEALOGIA DO TRABALHO COMO TECNOLOGIA DE CONTROLE UTILIZADA PELA PSIQUIATRIA CLÁSSICA</i>	
Geruza Valadares Souza	
DOI 10.22533/at.ed.8932017071	
CAPÍTULO 2	17
DISCRIMINAÇÕES SEXUAIS E RACIAIS NA EDUCAÇÃO SUPERIOR: QUESTÕES PARA SAÚDE MENTAL!	
Felipe Cazeiro	
Candida Soares da Costa	
DOI 10.22533/at.ed.8932017072	
CAPÍTULO 3	36
GOUINES, OS PLATÔNICOS AFEMINADOS: À MARGEM DOS HETEROFLEXÍVEIS E DOS GAYS	
Luis Aboim	
DOI 10.22533/at.ed.8932017073	
CAPÍTULO 4	54
OBJETOS CULTURAIS EM PSICOLOGIA CLÍNICA: O CINEMA COMO POSSIBILIDADE POÉTICA DE TRANSFORMAÇÕES SUBJETIVAS	
Wellington Gomes da Silva	
Gilberto Safra	
DOI 10.22533/at.ed.8932017074	
CAPÍTULO 5	66
ANÁLISE DA IMPORTÂNCIA DA IDENTIFICAÇÃO DOS ESTILOS DE APRENDIZAGEM PELO TESTE DE KOLB: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA	
Heveline Barreto Sampaio Brito	
Edenilson Cavalcante Santos	
Camila Danielly Barbosa de Carvalho	
Allana Renally Cavalcante Santos de Moraes	
DOI 10.22533/at.ed.8932017075	
CAPÍTULO 6	78
COMO O CÉREBRO APRENDE?: ANÁLISE DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA NACIONAL SOBRE NEUROPEDAGOGIA	
Miliana Augusta Pereira Sampaio	
Denise de Barros Capuzzo	
Simone Lima de Arruda Irigon	
DOI 10.22533/at.ed.8932017076	
CAPÍTULO 7	91
SAÚDE MENTAL DE MILITARES NA FRONTEIRA BRASIL-BOLÍVIA: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	
Isabela Faria Berno	
Júlio Ricardo França	
Vanessa Catherina Neumann Figueiredo	
DOI 10.22533/at.ed.8932017077	

CAPÍTULO 8 103

OS IMPACTOS DA SÍNDROME DE BURNOUT EM DOCENTES DO ENSINO SUPERIOR

Yolanda Rakel Alves Leandro Furtado
Maria Alice Ferreira Tavares
Anna Thays Leal de Sousa
Fernanda Jozeanne Luna Amaral
Ana Márcia Ventura da Silva
Ana Lúcia Bezerra Maia
Maria Idelvânia Gomes
Herminia Tavares Ferreira
Jamisom Felype dos Santos
Julio Cesar Dias de Barros
Vivianne de Alcantara Ferreira
Natália Feitosa Silva

DOI 10.22533/at.ed.8932017078

CAPÍTULO 9 115

INFLUÊNCIA DOS SINTOMAS DE ANSIEDADE E DEPRESSÃO NOS SISTEMAS DE MEMÓRIA

Fernanda Garcia Varga de Sobral
Camila Cruz Rodrigues

DOI 10.22533/at.ed.8932017079

CAPÍTULO 10 128

AUMENTO DE QUALIDADE DE VIDA BASEADO NAS PRÁTICAS DO MÉTODO RESTAURATIVO EM PRATICANTES NO BRASIL E PORTUGAL

Miila Derzett
Andréa Duarte Pesca
Gabriela Frischknecht

DOI 10.22533/at.ed.89320170710

CAPÍTULO 11 134

AValiação dos comportamentos dos moradores de um setor de Palmas – TO e as possíveis relações com o descarte do lixo no meio ambiente

Ana Patricia Alves de Souza Auriema
Maria Isadora Dama da Silva
Conceição Aparecida Previero

DOI 10.22533/at.ed.89320170711

CAPÍTULO 12 143

PERCEPÇÃO DE IDOSOS INSTITUCIONALIZADOS SOBRE QUALIDADE DE VIDA

Anieli Andressa Smyk
Isadora Garcia
Isadora Silveira de Almeida
Marília dos Santos Amaral

DOI 10.22533/at.ed.89320170712

CAPÍTULO 13 163

USO MEDICINAL DA CANNABIS: DISCUSSÕES E DESAFIOS SOBRE SUA REGULAMENTAÇÃO NO BRASIL

Carlos Augusto Villanova Ferreira
Thiago André Pedrozo Dohms
Gabriela Maria Carvalho Rodrigues

DOI 10.22533/at.ed.89320170713

CAPÍTULO 14	182
PROCESSOS DE CRIAÇÃO EM TERAPIA OCUPACIONAL: UMA PERSPECTIVA ONTOLÓGICA DA ATIVIDADE MANUAL COM BASE EM MARTIN BUBER E GASTON BACHELARD	
Geruza Valadares Souza	
Marcus Vinicius Machado de Almeida	
Marcelle Carvalho Queiroz Graça	
DOI 10.22533/at.ed.89320170714	
CAPÍTULO 15	199
O SENTIDO E A FINITUDE DA VIDA SOFRIMENTO, MORTE E REALIZAÇÃO DA VIDA	
Joaquim Parron Maria	
DOI 10.22533/at.ed.89320170715	
CAPÍTULO 16	214
PSICOLOGIA ORGANIZACIONAL E DO TRABALHO - PLATAFORMA DA GESTÃO DO CONHECIMENTO	
Adelcio Machado dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.89320170716	
SOBRE O ORGANIZADOR	227
ÍNDICE REMISSIVO	228

O SENTIDO E A FINITUDE DA VIDA SOFRIMENTO, MORTE E REALIZAÇÃO DA VIDA

Data de aceite: 05/07/2020

Joaquim Parron Maria

doutor em ética social pela the *Catholic University of America*, Washington, DC, USA, mestre em pedagogia universitária pela PUCPR e com habilitação em psicologia, filosofia e teologia e atualmente professor de bioética e moral no Claretiano – Centro Universitário.

RESUMO: Este artigo aborda relevantes elementos na busca de sentido da vida e o significado da morte, no contexto em que a vida bem vivida ultrapassa a angústia e ansiedade do cotidiano. A partir de Viktor Frankl e Elizabeth Kluber-Ross o autor faz um itinerário existencial transcendendo o medo e a vida sem sentido. Uma tragédia pessoal, segundo o autor, pode ser uma oportunidade para o início de um itinerário de realizações humanas e solidariedade com as outras pessoas. A morte deixa de ser o fim de tudo, e passa a ser um sinal de esperança.

PALAVRAS - CHAVE: Busca de sentido, morte, bioética, psicologia social

ABSTRACT: This article addresses relevant elements in the search for the meaning of life and

the meaning of death, in the context where life well lived goes beyond the anguish and anxiety of everyday life. From Viktor Frankl and Elizabeth Kluber-Ross, the author makes an existential itinerary transcending fear and meaningless life. A personal tragedy, according to the author, can be an opportunity for the beginning of an itinerary of human achievements and solidarity with other people. Death is no longer the end of everything, but a sign of hope.

KEYWORDS: searching for meaning, death, bioethics, social psychology

1 | INTRODUÇÃO

A humanidade, desde os seus primórdios, debate sobre o sentido do sofrimento, da morte e da realização humana no contexto da vida. A filosofia, as religiões e a própria ciência na modernidade tentam interpretar e dar respostas as essas inquietações que afligem a condição humana. Para alguns, a resposta é o pessimismo, para outros é a resignação e para outros a vida pode ser interpretada e vivida com sentido.

As respostas variam conforme a compreensão antropológica que se tem da pessoa humana e seu significado no horizonte existencial. Para uma antropologia pessimista,

a vida não passa de ‘um vale de lágrimas’ e a resignação é a única resposta. Já para uma compreensão mecânica da vida, a resposta está na busca do prazer e de suas manifestações. Por sua vez, para a perspectiva da busca de sentido, o sofrimento pode ser um meio de ultrapassar as crises existenciais e levar a pessoa a uma realização última.

Nessa linha, esse artigo prima na compreensão da pessoa, elaborando uma antropologia positiva da vida e dando contorno para um enfrentamento da vida sem medo e com sentido. O sofrimento poderá ser um meio propulsor para a realização, sem cair no sadismo, e a finitude da vida é compreendida como encontro pleno do existir.

Viktor Frankl e Elizabeth Kubler-Ross darão substratos interpretativos para essa compreensão positiva da vida humana, edificando uma antropologia real e possível, que leve as pessoas a terem uma vida cheia de sentido e realizações. A vida não é vazia de sentido, mas ela é colocada no horizonte de realizações que dê um significado no cotidiano e para toda a existência.

2 | A VIDA COMO HORIZONTE EXISTENCIAL

A compreensão da vida humana como horizonte existencial perpassa a filosofia existencialista, percebendo que o ser, o ente, manifesta-se na existência concreta no dia-a-dia e mergulha-se na profundidade da vida. Inclusive o filósofo Martin Heidegger¹ denomina o modo de ser da pessoa humana como “dasein”, que significa ‘ser-aí’. Assim, a existência humana se diferencia de outras realidades do mundo, pois mesmo vivendo no cotidiano, na perspectiva ôntica, tende a buscar sentido na dimensão ontológica. A vida humana, desta forma, como busca de sentido, desdobra-se em vir a ser o que é existencialmente a manifestação do ser, numa perspectiva fenomenológica, na existência, abre horizontes e perspectivas que geram possibilidades de realização. A vida não é fechada em si mesma, mas se manifesta na facticidade, usando a expressão heideggeriana, levando a pessoa à busca de sentido. Assim, o fundamento fundante da existência é a sua realização e sentido que a pessoa adquire na experiência do cotidiano. A realização não é algo fora da existência, mas sim é uma realidade propriamente existencial.

A abertura, como horizonte, no mundo e na existência faz com que as pessoas tendem a buscar sentido na vida, para a sua própria significação do seu ser e do seu existir. No contato com o mundo e com as pessoas, desdobram-se realidades desafiantes que podem levar a pessoa a uma constante frustração ou uma caminhada de realizações com sentido em sua própria existência.

2.1 A busca de sentido

O anseio para encontrar um sentido para a vida faz parte da existência de todas

¹ Heidegger, Martin. *Ser e Tempo* (1988). (2. ed.) Petrópolis: Vozes, 2v. (original publicado em 1927)

peessoas na tentativa de sair da angústia e da apatia que, em certos contextos, favorecem a uma vida medíocre e fadada à não realização. Nesse sentido, a pesquisadora Ana Machado afirma: “Para Viktor Frankl, a busca por sentido – principal força motivadora humana – causa uma tensão no equilíbrio interior”.² Se a força motivadora é a busca de sentido, levando um equilíbrio interior existencial, as pessoas encontram no seu viver o significado fundamental para a sua realização enquanto pessoa.

Num mundo marcado pela ansiedade e pelo medo, em que as pessoas vão atropelando os elementos mais fundamentais de sua existência, agarrando-se em coisas que não dão sentido existencial, pode-se ter uma existência frustrante e marcada pelo vazio humano. “Quem não sabe esperar o momento certo da escolha, abraça qualquer sonho e se perde em qualquer desejo”.³ Uma vida dessa maneira é alienada e superficial, não tendo profundidade e nem raiz. As frustrações vêm na busca de realizar os seus desejos nos objetos, onde a outra pessoa pode ser confundida e tratada como objeto de prazer.

A vida como horizonte de realizações e significados tem um sentido que marca as pessoas no passado, no presente e na abertura ao futuro. O passado não é mero tempo que se passou, mas um tesouro que nos motiva a viver no aqui e agora, na perspectiva da vida que se realiza na temporalidade do existir, mesmo sabendo que a vida tem uma finitude e essa temporalidade não é fadada ao fracasso final, mas sempre se abre para novos horizontes. Assim, a vida tem sentido e as pessoas, no empenho de realizações, buscam por seu significado.

Quando a busca de sentido é ofuscada por outras realidades existenciais, o existir passa ser um fardo pesado. As coisas, os desejos e até as vontades podem fazer sombras ao significado da vida. A dor e o sofrimento levam algumas pessoas ao desespero. A vida perde o sentido e a abreviação da vida é desejada.

Quando a vida perde seu sentido e a pessoa não consegue dar significado ao existir, o sofrimento passa a ter um peso terrível, o viver torna-se amargo. Por isso Viktor Frankl afirma a necessidade de aprender a inverte a pergunta. O que a vida espera de nós? “Precisamos aprender e também ensinar às pessoas em desespero que a rigor nunca e jamais importa o que nós ainda temos a esperar da vida, mas sim exclusivamente o que a vida espera de nós”.⁴ Se ansiamos por respostas positivas da vida e ao mesmo tempo não fazemos a nossa parte, podemos, sim, caminhar para o desespero diante dos desafios.

Desta maneira, o sentido da vida situa-se na responsabilidade da pessoa em buscar um propósito da sua existência, transcendendo a realidade que a prende, abrindo novas

2 MACHADO, Ana Enésia Sampaio. *O papel de Deus na cura segundo Viktor Frankl*. São Paulo: Ideias e letras, 2013, p. 58. Frankl dialogando com Nietzsche afirma: “Quem tem por que viver aguenta quase todo como”. FRANKL, Viktor. *Em busca de sentido*. (44ª edição) Petrópolis: Vozes, 2018, p. 101.

3 GALVÃO, Francisco. *Cultivo espiritual em tempos de conectividade*. São Paulo: Paulus, 2029, p. 71.

4 *Em busca de sentido*, p. 101.

possibilidades e realizações. Na busca de sentido, a pessoa, livre e consciente, dará significado às suas relações e realizações. A mudança nessa busca deve ser iniciada dentro da pessoa e não buscada no exterior, pois é no interior que brotam as profundezas dos significados existenciais.

2.2 Desafios e sofrimentos: inerentes a pessoa humana

A complexidade para compreender o sofrimento humano tem levado pesquisadores de antropologia a refletirem e estudarem a fundo esta temática. No cotidiano, as pessoas identificam a dor e o sofrimento como sinônimos. No entanto, nem sempre as duas coisas são da mesma face da moeda. A dor pode ser diminuída por um analgésico, enquanto que o sofrimento perpassa por toda a vida de uma pessoa. A dor não cuidada e não aliviada pode transformar-se num sofrimento humano terrível. “Portanto, o sofrimento é mais global do que a dor, diria pela minha vivência, que atinge o âmago, a vida na sua plenitude”.⁵ Nesta perspectiva, o sofrimento é uma realidade inerente a vida humana.

Porém, a pessoa é muito mais que sofrimento e poderá transcendê-lo e engajar-se numa caminhada capaz de dar sentido às dificuldades e desafios que a vida é chamada a enfrentar. Em cada pessoa há potencialidades e possibilidades para direcionar a vida, ultrapassando o sofrimento. Em linguagem popular: “o sofrimento pode ser ‘escola’ para uma realização humana e feliz”.

Viktor Frankl, dialogando com Espinosa, afirma que “a emoção que é sofrimento deixa de ser sofrimento no momento em que dela formamos uma ideia clara e nítida”.⁶ O sofrimento, enquanto emoção que perpassa o âmago da pessoa que sofre, toma sentido quando se percebe o significado dela. Numa perspectiva existencial de sentido, o sofrimento abre-se ao horizonte de crescimento.

“O sofrimento constitui um espaço singular de busca de sentido. É diante do sofrimento que o ser humano prova para si mesmo sua capacidade de resistir, de fazer frente as situações mais duras e adversas da vida, de atribuir um sentido à realidade que vive e que o cerca, de avaliar o valor do próprio sofrimento no concreto da vida”.⁷

Na busca de sentido, a pessoa pode significar a sua realidade humana e seu sofrimento como espaço de crescimento humano e transcender daquilo que o amarra para uma liberdade interior. O sofrimento não tem sentido ou fim em si mesmo, mas desdobra-se numa realidade que o liberta.

Numa bioética bem elaborada, que considera a dimensão antropológica como ‘pedra de toque’ para a compreensão da pessoa humana, o sofrimento ajuda na edificação do sentido existencial.

5 SELLI, Lucinda, Dor e sofrimento na tessitura da vida. In PESSINI, Léo e BARCHIFONTAINE, Christian, *Buscar sentido e plenitude de vida*. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 120.

6 FRANKL, Ibid, p. 98. (Espinosa – Ética, quinta parte: ‘Do poder do espírito ou a liberdade humana’, sentença III).

7 SELLI, Ibid, p. 122.

“Nesta perspectiva, Viktor Frankl reconhece que, muitas vezes, é justamente uma situação exterior extremamente difícil que dá à pessoa a oportunidade de crescer interiormente para além de si mesma. Referindo-se ao vazio existencial inerente ao ser humano”.⁸

Essa compreensão ajuda a entender que a realidade humana do sofrimento se torna, quando bem significadora, uma dimensão fundamental para a realização da pessoa. A significação da vida não vem de fora, do exterior, mas do interior da própria pessoa. Ela, no seu interior, dialogando consigo mesma e com o exterior, aprofunda o sentido da vida, despertando para uma força que vem de dentro. O sofrimento é uma realidade que é elaborada no seu interior e fortalece a disposição para melhor viver.

Nesse contexto, Dostoiévsky afirma: ‘Temo somente uma coisa: não ser digno do meu tormento’.⁹ O sofrimento com um significado no interior da pessoa pode dar sentido e valor à vida existencial. Diante das palavras do autor russo, Frankl aponta:

“Elas provaram que, inerente ao sofrimento, há uma conquista, que é uma conquista interior. A liberdade espiritual do ser humano, a qual não se lhe pode tirar, permitir-lhe, até o último suspiro, configurar sua vida de modo que tenha sentido. ... não há sentido apenas no gozo da vida...”.¹⁰

A conquista interior diante do sofrimento eleva a pessoa na busca de significado de sua própria vida, percebendo que a maturidade e a fortaleza pessoal dependem de como essas realidades afetam a compreensão pessoal. Já dizia Aristóteles que as pessoas que identificam a felicidade apenas “com o prazer, por isso amam a vida agradável” assemelham-se aos escravos e animais¹¹. Assim, dando significado ao sofrimento, a pessoa encontra o sentido para viver.

2.3 Tragédias e triunfo de sentido

Em nosso estudo, percebe-se que o sofrimento é inerente à vida humana. Isto é, não importa a classe social ou situação pessoal, pois todos são afetados, cedo ou tarde, por algo que terá que enfrentar na vida. No entanto, ninguém é chamado ao masoquismo, sofrer de maneira desnecessária. Quando o sofrimento é inevitável, a pessoa é chamada a enfrentá-lo, dando sentido a essa realidade e muitas vezes em espírito de heroísmo.

Por sua vez, o sofrimento não tira o sentido da vida. Ao contrário, bem significado, dá um sentido esplêndido ao viver de uma pessoa, porque o sentido é incondicional na vida da pessoa. No entanto, quando a pessoa não percebe o sentido da vida no sofrimento, há a tendência ao desespero, que algumas vezes chega a ser fatal. Por outro lado, buscando o sentido, o ‘para que do sofrimento, a pessoa elabora um sentido e sentido da vida, enfrentando as vezes momentos trágicos que se tornam-se ponte para a vitória numa vida de muito significado.

Esta é a compreensão que a antropologia do sentido busca oferecer. Nisso afirma

8 GALVÃO, *Ibid*, p. 129-130

9 DOSTOIÉVSKI, Fiódor, *Apud* FRANKL, *Ibid*, p. 89.

10 Em busca de sentido, p. 89.

11 Cf. ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, São Paulo: Editora Martin Claret, 2020, p. 21.

Frankl: “... é dar testemunho do potencial especificamente humano no que ele tem de mais elevado e que consiste em transformar uma tragédia pessoal num triunfo, em converter nosso sofrimento numa conquista humana”.¹² Assim, o sofrimento e até a tragédia pessoal, bem elaboradas, podem levar a pessoa dar um grande significado à vida, sendo assim, uma conquista humana.

Se é possível converter tragédia pessoal em triunfo para uma conquista maior, o sofrimento bem elaborado pela pessoa deixa de ser um tormento e passa a ser uma escola de aprendizagem na existência humana. A busca do sentido na liberdade leva a pessoa a alçar com mais força os passos no caminho da vida. “O sofrimento de certo modo deixa de ser sofrimento no instante em que encontra um sentido, como o sentido de um sacrifício.”¹³ O sentido da vida não precisa passar necessariamente pelo sofrimento, no entanto, o sofrimento como inevitável, muitas vezes, pode ser uma passagem para uma vida cheia de significado e sentido.

A liberdade nessa compreensão vai além da liberdade física, mas é primeiramente interior. A pessoa pode estar impedida de ir e vir, mas mesmo assim manter uma liberdade interior que ultrapassa a realidade puramente material. Nesse sentido, é uma realidade também espiritual. *“Si el sentido se nos presenta de un modo espiritual, esto implica que nos exige una tarea, un gesto humano. El sentido, por presentarse de un modo espiritual exige una respuesta espiritual que denominaremos ‘interpretación dele sentido’”*.¹⁴ A busca de sentido transcende a realidade puramente física e a pessoa elabora, na sua liberdade interior, esse passo na busca de significado da vida. É neste contexto que o sofrimento, numa pessoa livre inclusive interiormente, pode levar à realização humana.

3 | A FINITUDE DA VIDA

A realidade humana envolve a certeza da finitude, como diz o ditado popular: ‘a morte é a única certeza que temos em nossas vidas’. Embora tenhamos essa certeza, buscamos nos esquivar o máximo possível, evitando falar sobre essa dimensão humana. Nesse contexto, afirma Maranhão: “Numa sociedade como a nossa, completamente dirigida para a produtividade e o progresso, não se pensa na morte e fala-se dela o menos possível”.¹⁵ A morte passa ser um tabu e não cabe na sociedade técnico-industrial. O desafio é refletir o sentido da vida que também passa pela morte.

Quando compreendemos que a vida tem um sentido e que a finitude está inserida na caminhada da realização humana, a morte toma uma nova visão. *“Lo cual quiere decir que esta finitud tiene también, necesariamente, que representar algo de un sentido a la*

12 FRANKL, Ibid, p. 137.

13 Ibid, p. 137.

14 ETCHEBEHENE, Pablo René. El espíritu desde Viktor Frankl. Buenos Aires: Agape libros, 2011, p. 142.

15 MARANHÃO, José Luiz de Souza. O que é morte. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 11.

*existencia humana, en vez de quitárselo*¹⁶. A finitude da vida deixa de ser um mal, do qual inclusive não se fala, e passa ter uma compreensão do ser humano e sua realização.

Se a compreensão da finitude do ser humano causa angústia, numa compreensão existencialista, o sofrimento invade a pessoa pelo medo de um diagnóstico que revele uma doença grave. Assim afirma a médica Ana Claudia Arantes: “A morte anunciada traz a possibilidade de um encontro veloz com o sentido da vida, mas traz também a angústia de talvez de não ter tempo suficiente para vivenciar esse encontro”.¹⁷ A angústia e o medo levam a sofrimento especialmente quando a vida foi vivida sem muito sentido.

A vida é vulnerável, pois somos sujeitos abertos ao horizonte da realização com sentido de vida, mas também abertos à finitude. A vida, como uma realidade frágil, revela toda a sua vulnerabilidade, pois, para morrer, basta estar vivo.

3.1 Um ser para a morte

Mesmo numa sociedade que tem horror à morte, que tenta mascará-la de todas as maneiras, a consciência da finitude ajuda a pessoa a elaborar no seu cotidiano a busca de sentido, pois seria trágico passar pelo mundo anestesiado das dores, dos sofrimentos e da consciência da morte. Dialogando com Martin Heidegger, pode-se afirmar que cada pessoa tem que morrer a sua própria morte e ninguém pode fazer isso no lugar do outro.

A morte é parte do horizonte existencial. Assim sendo, é extremamente pessoal: cada um tem que passar por isso. Não há como escondê-la ou ignorá-la para sempre.

As pessoas que buscam o sentido da vida têm maior tranquilidade em olhar a morte. Para outros, somente com a doença despertam para essa realidade tão pessoal. “O sofrimento emocional é muito intenso. Nele, o doente toma consciência de sua mortalidade. E essa consciência o leva à busca do sentido de sua existência.”¹⁸ Nesses momentos extremos, de doenças graves, a consciência do morrer torna-se inevitável.

“A única maneira de o homem se realizar autenticamente, assumindo a responsabilidade da própria vida, é enfrentar fria e corajosamente a sua finitude e contingência, isto é, a sua inevitável morte. Conhecer e assumir esta radical caducidade constitui a suprema libertação”.¹⁹

A realização humana, que também passa pela morte como possibilidade inevitável, exige a busca de sentido, mesmo no sofrimento. Ela leva a pessoa a perceber a grandeza da vida. Mascarar a realidade da finitude da vida é o mesmo que postergar a realização da pessoa, pois ela sempre estará escondendo uma realidade que, uma hora, inadiável.

A contingência da vida humana pode levar ao encontro do seu significado. A temporalidade leva a pessoa a estar atenta para perceber e assumir a busca de sentido. “Quanto à inegável transitoriedade da vida, a logoterapia, afirma que isto realmente só

16 FRANKL, Viktor. *Psicoanálisis y existencialismo: de la psicoterapia a la logoterapia*. Cidade del Mexico: Fondo de cultura económica, 1966, p. 116-117.

17 ARANTES, Ana Claudia Quintana. *A morte é um dia que vale a pena viver*. Rio de Janeiro: Sexante, 2019, p. 42-43.

18 Ibid, p. 43.

19 MARANHÃO, Ibid. p. 71.

se aplica com relação às possibilidades de dar um sentido, às oportunidades de criar, de experienciar, de sofrer com sentido pleno”.²⁰ O sofrimento e a finitude abrem possibilidade de a pessoa encontrar o sentido da sua própria existência.

É importante ressaltar que, na busca de elaborar uma bioética que dê sentido à finitude humana, os cuidados paliativos da pessoa em estado de enfermidade avançada é algo essencial, considerando que a morte é um horizonte de realização existencial.

Nesse contexto, insiste Kluber-Ross que elementos de empatia e compreensão da vida ajudam muito. “Saber compartilhar uma notícia dolorosa com um paciente é uma arte. (...) O que mais os confortava era o sentimento de empatia, mais forte do que a tragédia imediata da notícia”.²¹ O sujeito é preparado para perceber que a iminência da sua finitude não é uma tragédia, mas a passagem para uma nova vida.

A morte, então, como realidade concreta e inadiável na vida humana, toma uma nova dimensão quando é vista a partir dos olhos da busca de sentido. E a pessoa se percebe como um ser para a morte – e a própria morte, não como aniquilamento, mas como abertura à realização humana.

3.2 Compreensão dos estágios diante da morte

O ser humano é chamado a buscar um sentido para sua vida e inexoravelmente caminha em direção a sua finitude, em que alguns mascaram a realidade da morte e outros assumem responsabilmente essa realidade inerente à vida humana. Os que assumem com responsabilidade e sentido têm mais serenidade no processo dos estágios da morte.

A vida tem sentido e a morte compreende, em última instância, esse significado pleno do viver humano. Se a vida tem sentido, o sofrimento poderá também fornecer elementos para esse sentido. A morte, por sua vez, faz parte da existência que todos passam. Nessa perspectiva, a pesquisadora Elizabeth Kluber-Ross elaborou os estágios pelos quais a pessoa, em geral, passa. Em toda perda ou separação, também se passa por algumas fases desses estágios.

Se, durante a vida, a angústia sobre a possibilidade da finitude tende a perseguir as pessoas, a possibilidade de um diagnóstico de uma enfermidade grave pode fortalecer esse sofrimento, como afirma a pesquisadora e médica Ana Claudia Arantes:

“O sofrimento de perceber a nossa mortalidade não começa somente no processo de morrer. Esse assombro já está presente na possibilidade de um diagnóstico, quando estamos apenas na expectativa de receber o resultado de um exame, por exemplo.”²²

No entanto, quando a pessoa é confrontada com a dimensão da morte, numa enfermidade muito séria, passa por alguns estágios. Esses estágios vão desde a rejeição até a aceitação da própria morte, conforme Elizabeth Kluber-Ross²³.

20 FRANKL, Viktor. *Um sentido para a vida: psicoterapia e humanismo*. (11ª edição) São Paulo: Ideias e letras, 2005, p. 95.

21 KLUBER-ROSS, Elisabeth. *Sobre a morte e o morrer*. São Paulo: Martins fontes, 2017, p. 41.

22 ARANTES, p. 42.

23 Elizabeth Kluber-Ross é uma médica e pesquisadora que se tornou renomada nos Estados Unidos com a publicação das

As primeiras reações à notícia de que está com uma enfermidade terminal são a negação e o isolamento. A pessoa tenta negar de qualquer maneira que a sua enfermidade é tão grave e que a medicina não pode fazer muitas coisas, a não ser ajudá-la a ter uma morte sem sofrimento e com possibilidade de sentido.

A pessoa não aceita a sua própria realidade de finitude e nega aceitá-la como algo inerente à vida. Essa atitude funciona como um evitar o inevitável. “A negação funciona como um para-choque depois de notícias inesperadas e chocantes, deixando que o paciente se recupere com o tempo, mobilizando outras medidas menos radicais”.²⁴ É a realidade do temor da morte.

A pesquisadora Ana Claudia Arantes afirma sobre a sua experiência com essa realidade:

“Na minha rotina, os pacientes conversam comigo sobre sua finitude de maneira aberta e clara. ... Quando dou ao paciente a chance de saber sobre a gravidade de sua condição, a verdade dá à pessoa a oportunidade de aproveitar o tempo que lhe resta de maneira consciente, assumindo o protagonismo de sua vida, de sua história”.²⁵

A conversa do paciente com um especialista, em geral, ajuda muito no processo de aceitação. “Ter alguém que se importe com nosso sofrimento da vida é uma dessas coisas que trazem muita paz e conforto para quem está morrendo e para seus familiares”.²⁶ Por outro lado, quando a notícia é escondida ou dada sem empatia ou cuidados na comunicação, a tendência é de que o sofrimento seja maior.

Um segundo estágio é a raiva ao perceber que a enfermidade é terminal e que não se tem muitos recursos para revertê-la. A pessoa tenta negar até certa altura, mas depois vai cedendo: “Quando não é mais possível manter firme o primeiro estágio de negação, ele é substituído por sentimentos de raiva, de revolta, de inveja e de ressentimento”.²⁷ A pessoa enferma se sente ressentida porque essa enfermidade grave é com ela.

Uma terceira reação no processo de morte é a barganha. Se nos dois primeiros estágios é uma ação contra tudo o que está se passando com a pessoa e inclusive uma revolta contra Deus, neste estágio, a pessoa inicia um processo de troca. “A maioria das barganhas são feitas com Deus, são mantidas geralmente em segredo, ditas nas entrelinhas ou no confessionário do capelão.”²⁸ A pessoa em estado terminal, tendo consciência da sua finitude muito próxima, busca negociar com Deus prometendo mudança de vida e outras coisas que poderá oferecer à divindade.

O quarto estágio, nesse processo à morte, a pessoa passa por momentos fortes de depressão devido a debilidade e falta de força. Perde o desejo de lutar pela vida, pois sente a finitude muito presente, já que o organismo não reage ao tratamento. “Nesse pesquisas sobre o processo do enfermo diante da morte. A sua obra “Sobre a morte e o morrer” é estudada até hoje. A sua pesquisa despertou para o crescimento da área dos cuidados paliativos dos enfermos com doenças avançadas.

24 KLUBER-ROSS, p. 44.

25 ARANTES, p. 95.

26 Ibid, p. 45.

27 KLUBER-ROSS, p. 55.

estado de decaimento, o paciente já não entrevê mais possibilidades; a vida acabou; tudo está irremediavelmente perdido”.²⁹ O paciente perde a vontade de reagir até às pessoas mais próximas, vivendo no silêncio do seu sofrimento.

A pesquisadora Kluber-Ross denomina o quinto estágio de aceitação da morte eminente. As pessoas que foram acompanhadas devidamente e foram ajudadas a compreender a finitude da vida chegam a esse momento da aceitação. Na mesma linha, a médica Ana Claudia Arantes afirma: “E a morte chega no momento certo. Não tenho direito de antecipar e muito menos de atrasar esse processo. Até hoje, poucas pessoas me pediram para abreviar o sofrimento.”³⁰ O paciente começa a aceitar que a sua realidade é inadiável e precisa acolher algo que é eminente, que a sua própria morte.

Em geral, as pessoas passam por esses estágios - a não ser que tenham morte repentina - vivenciando um processo de despedida. As separações, como divórcios, também levam a pessoa a vivenciar esses estágios, como a negação, raiva, barganha, depressão e finalmente a aceitação.

O renomado eticista, Bernhard Haering, destaca a necessidade de olharmos a morte na perspectiva do sentido:

“A decisão de encararmos nossa mortalidade e de confrontarmos a vida com o sentido de nossa morte constitui parte de nossa opção fundamental. A opção fundamental pelo bem pode facilmente ser abortada se nós recursarmos a aceitar a verdade sobre a nossa morte”.³¹

Quando se busca o sentido da vida, a morte também é humanizada, pois é uma realidade que compõe a própria vida humana. “... frequentemente a morte aparece como algo assustador, e dificilmente suspeitamos quanto de bem ela significa...”.³² Isso fica evidente quando compreendemos que ela levará à realização plena na vida da pessoa.

3.3 Morte como realização última

A cultura ocidental busca incessantemente banir da reflexão social e pessoal a dimensão da morte, como algo que não existe, negando-a como parte da própria vida. Inclusive, nessa visão, a conversa sobre a dimensão da finitude deve ser evitada do discurso público. A própria palavra morte é omitida, dando lugar a expressões como “expirar”, “falecimento” ou “óbito”. Por outro lado, na linha da busca de sentido da vida, a morte é algo que deve ser compreendido como algo que dá significado último à vida humana.

Na perspectiva antropológica da busca de sentido, a morte recupera o seu significado como parte e realização da vida. *“Por tanto, la finitud, la temporalidad, no sólo es una característica esencial de la vida humana, sino que es, además, un factor constitutivo del*

29 MARANHÃO, p. 50.

30 ARANTES, p. 172.

31 HAERING, Bernhard. Livres e fiéis em Cristo: teologia moral para sacerdotes e leigos. Vol. III, São Paulo: Paulinas, 1984, p. 76.

32 FRANKL, Viktor, *Um sentido para a vida*, p. 103.

*sentido mismo de la vida*³³. A finitude da vida remete à responsabilização na busca de sentido, uma vez que não se pode adiar essa busca indefinidamente, pois a morte é uma realidade inalienável da vida.

Por outro lado, pode-se também afirmar que a pessoa que sempre postergou essa busca de sentido, vivendo a vida sem um porquê, terá mais dificuldade para encontrar um sentido na sua própria finitude. “Se nunca viveram com sentido, dificilmente terão a chance de viver a morte com sentido.”³⁴ O temor e o desespero diante da morte revelam uma falta de significado na vida.

“O que separa o nascimento da morte é o tempo. A vida é o que fazemos dentro desse tempo; é a nossa experiência. Quando passamos a vida esperando pelo fim do dia, pelo fim de semana, pelas férias, pelo fim do ano, pela aposentadoria, estamos torcendo para que o dia da nossa morte se aproxime mais rápido.”³⁵

O sentido da vida está também no trabalho, no dia-a-dia do viver, nas férias e nas festividades. Quando se nega o sentido da vida no cotidiano, tentando apenas ver o prazer, está se privando de uma vida de realizações. Quando se vive com intensidade todos os momentos, o horizonte da vida se amplia.

A morte faz parte do horizonte existencial e não é a negação da própria vida, pois o ser-para-a-morte busca sentido de vida para encontrar a morte como uma completa realização da vida. Nessa linha, a morte não é uma realidade trágica da vida, mas um caminhar em direção à realização do sentido da vida. Como afirma Viktor Frankl: “*El morir de un hombre, siempre que se trate realmente de su morir, forma, en rigor, parte sustancial de su vivir y cierra su vida como una totalidad de sentido*”.³⁶ O horizonte existencial é preenchido plenamente com a morte bem vivida. A finitude não é uma excrecência da vida, mas parte integrante do viver com sentido.

4 | ELEMENTOS QUE DÃO SENTIDO E VALOR À VIDA

A perspectiva antropológica dá suporte à compreensão do ser humano e suas diversas dimensões na realização como pessoa, pois sem uma visão adequada podemos elaborar uma interpretação equivocada quanto à humanidade. Alguns elementos fundamentam o sentido e o valor da vida.

É importante ressaltar que os desafios que são inerentes à vida não são empecilhos para a satisfação, mas muitas vezes trampolins para uma realização plena. “Ou assumimos as contrariedades da vida e os capacitamos para enfrentar as nossas dores cotidianas, ou nossa existência estará fadada a uma felicidade ilusória e cheia de mediocridade”.³⁷

Quando se confunde a felicidade com conforto ou prazer, evitando todo o possível os

33 FRANKL, *Psicoanálisis y existencialismo*, p. 117.

34 ARANTES, p. 50.

35 ARANTES, p. 70.

36 FRANKL, *Psicoanálisis y existencialismo*, p. 91.

37 GALVÃO, p. 131.

desafios e contrariedades na vida, a realização estará sempre sendo postergada.

Conhecendo a humanidade, já afirmava São João Crisóstomo: “Ninguém pode nos fazer infelizes, apenas nós mesmos.”³⁸ A felicidade e a realização pessoal estão dentro de nós e não exteriormente. A tendência na vida é buscar compensações e afirmação do ser fora de nós mesmos. Assim, afundamos em sentimentos negativos, pois nem tudo é como desejamos. Frankl percebe que a realização não está no conforto, mas na busca de sentido: “Quanto mais a pessoa esquecer de si mesma – dedicando-se a servir uma causa ou a amar outra pessoa -, mais humana será e mais se realizará”.³⁹

Na sociedade contemporânea, tende-se a recorrer às mídias sociais para preencher o vazio existencial, experimentando muitas vezes frustração e cansaço. “Até quando suportaremos o nosso padrão tédio fingindo felicidade nas vitrines digitais? Não permita que os sofrimentos e decepções da vida abafem sua luz e sua paz interior.”⁴⁰ A realização da pessoa passa por elementos fundamentais que fundamentam a vida, como a própria dignidade, a fé e a comunitariedade.

4.1 Dignidade humana

A dignidade da pessoa humana é a base fundamental para qualquer progresso social e científico e, ao mesmo tempo, a referência indispensável na compreensão da vida. Nenhum progresso terá sentido se a pessoa não for considerada integralmente. Paulo VI, na Encíclica *Populorum Progressio*, falando sobre o desenvolvimento dos povos, ressalta que o progresso necessariamente tem que ser integral, isto é, ajudar no desenvolvimento da pessoa toda e também de toda pessoa.

Dois aspectos são fundamentais nesse progresso humano: o progresso deve ajudar a pessoa em todos os seus aspectos da vida e também o desenvolvimento não deve estar em função apenas das classes privilegiadas, mas de toda a humanidade. Nesse sentido, a solidariedade leva à inclusão das periferias o desenvolvimento e progresso humano.

Um estudo antropológico elaborado com profundidade vai considerar esses elementos do progresso humano e ensinar que os bens humanos, vida e saúde, não são fins em si mesmos, mas abrem um horizonte de realização do sentido da vida. A plenitude da vida não é apenas ter uma saúde sem doenças, mas sim a realização aberta à solidariedade. “Em nossos dias um número cada vez maior de indivíduos dispõe de recursos para viver, mas não de um sentido pelo qual viver.”⁴¹ A busca da dignidade humana também passa pela busca de sentido da vida.

Assim, a dignidade da vida humana é inalienável à pessoa e fundamento necessário para a compreensão da humanidade. Quando se perde o sentido primeiro da dignidade humana, qualquer meio ou caminho servirá para aviltar contra as pessoas. Importante

38 Apud, ARANTES, p. 149.

39 FRANKL, *Em busca do sentido*, p. 135.

40 GALVÃO, p. 65.

41 FRANKL, Viktor E. *Um sentido para a vida: psicoterapia e humanismo*, p. 15.

recordar que a liberdade humana é um elemento central na fundamental da dignidade.

4.2 A fé

A pessoa humana não pode ser reduzida apenas ao físico, mas deve-se abrir a uma visão integradora, afirmando o humano como um ser bio-psico-sócio-espiritual. Nessa linha, a dimensão da fé torna-se elemento integrador na busca de sentido e na compreensão não desesperadora da finitude humana. Além disso, na perspectiva cristã, e à luz da páscoa, a morte perde o significado catastrófico, dando passagem à vida nova, remetendo para o horizonte de realização (Cf. Rm 6, 23; 1Cor 15, 56 e Fl 1, 19-24). A fé leva à esperança e ao sentido da vida: “A morte é o último inimigo a ser destruído” (1Cor 15, 26).

Na busca de sentido, o ser humano encontra respostas quando percebe que a vida humana é dom de Deus na perspectiva do amor. A fé que leva a compreender que Deus é vida e amor torna-se uma dimensão fundante na edificação do sentido da existência. A compreensão realista e esperançosa da existência motiva a pessoa nessa busca de realização.

Quanto à finitude da vida, especialmente diante de uma enfermidade, a dimensão espiritual toma novo relevo. “Ainda temos a dimensão espiritual do ser humano que adoce. Em geral, nesse momento de clara consciência da finitude, essa dimensão ganha uma voz que nunca teve antes.”⁴² Nesse processo, como afirma a pesquisadora Elizabeth Kluber-Ross, o enfermo deseja fazer barganha com Deus.⁴³

Embora a fé seja importante, a espiritualidade não bem elaborada, por sua vez, pode levar a pessoa ao temor:

“Existe aí um risco grande: de que a dimensão espiritual mal estruturada, construída sobre relações de custo e benefício com Deus ou com o Sagrado, caia em ruínas diante da constatação de que nada vai adiar o Grande Encontro, o Fim, a Morte. Muitas vezes, a dor maior é a de sentir-se abandonado por um Deus que não se submeteu às nossas vontades e simplesmente desapareceu da nossa vida em um momento tão difícil e de tanto sofrimento.”⁴⁴

A vivência de suposta espiritualidade em que o fiel tenta manipular Deus não terá sentido nos momentos de sofrimento – e será pior ainda diante da finitude da vida. A espiritualidade encarnada não vive apenas de ‘ressurreição’, mas também de ‘cruz e morte’. É fundamental morrer diante de certas realidades imutáveis e trabalhar pelo que é possível melhorar.

4.3 A realização plenamente humana

A realização humana está intimamente conectada ao sentido que a pessoa busca dar a sua vida, independentemente das condições em que ela esteja. Não descobrindo

42 A morte é um dia que vale a pena viver, p. 44.

43 KLUBER-ROSS, Elizabeth, Sobre a morte e morrer, p. 89.

44 A morte é um dia que vale a pena viver, p. 44.

sentido, a tendência será de viver o desespero e uma vida embaralhada com temor e frustração. Assim, a realização plena está em buscar sentido no cotidiano, transformando até as tragédias pessoais e situações adversas em vitórias e triunfos na vida.

A vida plena não se resume em sobrevivência e muito menos em viver de maneira medíocre. A vida autêntica é aquela que enfrenta os desafios, ultrapassando o medo. Nisso, Frankl, afirma: “Uma vida cujo sentido depende exclusivamente de se escapar com ela ou não e, portanto, das boas graças de semelhante acaso – uma vida dessas pessoas nem valeria a pena ser vivida”.⁴⁵ O horizonte existencial é aberto às realizações, transcendendo os limites, dando sentido à condição humana.

O sofrimento, na realização humana, pode ser um meio que leva ao maior sentido existencial. “... o sofrimento não é sempre um fenômeno patológico; em vez de sintoma de neurose, o sofrimento pode ser perfeitamente uma realização humana, especialmente se o sofrimento emana de frustração existencial...”⁴⁶. Na realização humana, a pessoa transcende a realidade do sofrimento na busca de sentido. “A compensação financeira, ou, dentro de certos limites e a segurança social não bastam. O homem não viver apenas de bem-estar material.”⁴⁷ A realização plena ultrapassa esses bens e busca o sentido existencial da vida.

A finitude da vida remete a pessoa, dentro da sua condição humana, à realização plena, entendendo na perspectiva cristã que a morte não é o fim de tudo, mas abertura para a realização plena. Assim afirma o Concílio Vaticano II, na *Gaudium e Spes*:

Diante da morte o enigma da condição humana atinge seu ponto alto. O homem não se aflige somente com a dor e a progressiva dissolução do corpo, mas também, e muito mais, com o temor da destruição perpétua. Mas é por uma inspiração acertada do seu coração que afasta com horror e repele a ruína total e a morte definitiva de sua pessoa. A semente da eternidade que leva dentro de si, irredutível à só matéria, insurge contra a morte. Todas as conquistas da técnica, ainda que utilíssimas, não conseguem acalmar a angústia do homem. Pois a longevidade, que a biologia lhe consegue, não satisfaz o desejo de viver sempre mais, que existe inelutavelmente em seu coração.⁴⁸

A realização plena da vida humana também passa pelo processo de dar sentido ao sofrimento e à própria realidade inerente à vida, que é sua finitude. Assim, a morte não é entendida como destruição ou nadificação, mas plenificação da existência humana.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vida com sentido leva à realização da pessoa e, por sua vez, ela contribui à sociedade na materialização da vivência existencial. A vida compreendida a partir da dimensão do sentido no existir leva uma sociedade a transcender da “simples sobrevivência”, conduzindo as pessoas para que vivam a plenitude da existência.

45 FRANKL, *Em busca de sentido*, p. 90.

46 Ibid, p. 128.

47 FRANKL, Viktor, *Um sentido para a vida*, p. 19.

48 COMPÊNDIO DO VATICANO II. *Gaudium et Spes*. 12 ed. Petrópolis: Vozes, 1978. n.18. p. 156.

O sofrimento humano assume uma dimensão que dará contornos ao sentido humano, não sendo uma “simples tragédia pessoal”, mas sim um ponto de transcendência na busca do sentido. O sofrimento não é uma necessidade, mas, quando ele se manifesta na vida humana, não deve ser um fator de paralisação. “... vegetar como os milhares de prisioneiros ou, como uns poucos, vencer interiormente”.⁴⁹ Essa superação passa pelo interior da vida da pessoa.

Com os avanços das ciências médicas, alguns assumem o perigo do “combate da morte a todo custo”, a conhecida obstinação terapêutica. Essa postura pode levar a uma compreensão antropológica equivocada, pois essa obstinação pode redundar em uma luta existencial sem sentido. O processo terapêutico é muito importante e, graças aos avanços das ciências, podemos evitar a dor e, em certo sentido, o sofrimento. Mas quando esse processo é uma obstinação, o tratamento torna-se em si mesmo patológico.

Nessa perspectiva, a finitude da vida não leva ao desespero, mas abre novo horizonte existencial e de realização da vida. Uma vida com sentido é levada à realização plena com a morte, sendo esta um encontro definitivo consigo mesmo e com o ser divino.

⁴⁹ FRANKL, *Em busca de sentido*, p. 96.

ÍNDICE REMISSIVO

A

afeto 128, 129, 132, 152, 170

Ansiedade 19, 59, 61, 62, 98, 100, 115, 116, 117, 118, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 151, 174, 180, 199, 201

Aprendizagem 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 85, 87, 88, 89, 90, 109, 112, 114, 117, 120, 121, 123, 136, 140, 141, 142, 204, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 225, 226

C

Cannabis 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181

Cérebro 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 87, 88, 90, 117, 118, 169, 173, 174

Cinema 54, 55, 56, 57, 58, 59, 61, 62, 63, 64, 65, 223

Comportamento 3, 4, 5, 8, 12, 13, 14, 15, 27, 29, 37, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 48, 51, 74, 80, 90, 96, 98, 102, 107, 108, 114, 117, 118, 127, 134, 135, 136, 137, 138, 142, 171, 173, 178, 215, 216, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225

Cultura 11, 27, 41, 42, 44, 48, 54, 57, 98, 100, 141, 143, 147, 153, 180, 186, 187, 197, 205, 208, 218

D

Depressão 98, 100, 108, 115, 116, 117, 118, 120, 121, 122, 123, 125, 126, 127, 174, 180, 207, 208

Discriminação Sexual 17, 25, 26, 28, 31

Docente 72, 75, 78, 80, 87, 88, 89, 105, 107, 109, 110, 111, 112, 113, 214

E

Educação 1, 17, 18, 20, 21, 23, 24, 31, 32, 33, 34, 66, 67, 70, 71, 73, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 85, 87, 88, 89, 90, 104, 107, 109, 113, 114, 129, 140, 141, 142, 160, 182, 214, 226, 227

Ensino Superior 17, 18, 22, 25, 26, 27, 32, 33, 34, 35, 71, 72, 77, 103, 104, 105, 110, 111, 112, 113, 114

Espectador 54, 55, 56, 57, 58, 60, 61, 62

Estilo de Aprendizagem 67, 68, 71, 72, 74, 75, 76, 77

F

Finitude 199, 200, 201, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 211, 212, 213

Fronteira 43, 52, 91, 92, 93, 95, 100, 101, 102, 126

G

Genealogia 1, 3, 4, 15

Gestão do Conhecimento 214, 218, 224, 225

H

História 1, 2, 3, 4, 11, 14, 15, 16, 26, 27, 46, 49, 59, 60, 61, 118, 136, 142, 145, 159, 160, 183, 207, 216, 221, 222

Homoerotismo 36, 38, 39, 42, 52

I

Idoso 143, 144, 145, 146, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161

Interação 38, 39, 42, 43, 44, 45, 47, 48, 60, 62, 66, 68, 99, 107, 117, 141, 143, 147, 152, 153, 154, 157, 158, 195, 214, 215, 221, 222, 223, 225

Inventário 66, 67, 69, 70, 72, 75, 76, 115, 120

L

Lixo 134, 135, 136, 138, 139, 140, 141, 142

M

Meditação 128, 129, 130, 132

Meio-Ambiente 134

Memória 61, 108, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 151, 171, 174, 184, 192, 217, 219, 225

Militar 93, 94, 96, 97, 98, 100, 102

Mindfulness 128, 129, 132, 133

Morte 63, 98, 99, 150, 151, 156, 199, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 211, 212, 213

N

Neuroaprendizagem 78, 82

Neuropedagogia 78, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 87, 88, 89

O

Oficina 157, 193

Ontologia 182, 190, 192, 193, 196, 197

P

Plasticidade 78, 174, 180

Poética 54, 56, 57, 58, 60, 61

Psicodinâmica do Trabalho 91, 94, 101

Psicologia 1, 16, 17, 21, 32, 33, 34, 37, 41, 42, 53, 54, 55, 56, 64, 65, 80, 81, 89, 96, 101, 103, 128, 129, 134, 136, 142, 144, 158, 159, 160, 161, 163, 164, 175, 179, 180, 191, 198, 199, 214, 215, 216, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227

Psiquiatria 1, 2, 3, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 15, 16, 80, 161, 170, 180, 183, 184, 185, 187, 188

Q

Qualidade de Vida 12, 91, 97, 99, 101, 105, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 150, 152, 153, 154, 155, 157, 158, 159, 160, 161, 224

R

Racismo 17, 18, 20, 31, 33, 35, 157

Regulamentação 163, 164, 165, 166, 176, 177, 179

S

Saúde Mental 1, 15, 16, 17, 30, 31, 32, 55, 91, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 102, 182, 183, 184, 186, 187, 188, 196, 197, 198

Sexualidade 32, 33, 34, 36, 37, 38, 41, 42, 50, 51, 53, 59, 60

Síndrome de Burnout 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 112, 113, 114

Sociologia 129, 180, 214

Sofrimento 59, 94, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 119, 158, 173, 178, 182, 183, 186, 187, 188, 197, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 211, 212, 213

T

Tecnologia 1, 2, 4, 5, 6, 9, 10, 16, 182, 224

Terapia Ocupacional 182, 184, 185, 190, 192

Trabalho 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 25, 37, 44, 52, 59, 62, 66, 68, 70, 75, 77, 80, 83, 89, 91, 93, 94, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 127, 136, 139, 140, 142, 148, 159, 163, 164, 166, 184, 185, 186, 187, 190, 191, 192, 196, 197, 209, 214, 215, 220, 221, 223, 224, 225, 226

V

Vida 3, 4, 6, 8, 11, 12, 14, 15, 16, 19, 40, 41, 46, 49, 50, 53, 54, 56, 57, 59, 60, 62, 63, 64, 91, 93, 96, 97, 99, 100, 101, 105, 108, 113, 117, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 136, 137, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 164, 167, 174, 178, 184, 185, 186, 188, 191, 192, 193, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 220, 223, 224

Y

Yoga 128, 129, 131, 132, 133




A Psicologia em Diferentes Contextos e Condições 2



www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 





A Psicologia em Diferentes Contextos e Condições 2



www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

